

IRENE DIAS CAVALCANTI: UM CANTO DE DESEJO E LIBERDADE NO CENÁRIO LITERÁRIO PARAIBANO

IRENE DIAS CAVALCANTI: A PLACE OF DESIRE AND FREEDOM ON THE LITERARY SCENARIO IN PARAÍBA

Marcelo Medeiros da Silvaⁱ
Roberta Thamirys Temoteo Rodriguesⁱⁱ
Lívia Maria de Oliveira Fariasⁱⁱⁱ

Resumo: Neste artigo, analisamos brevemente alguns poemas e romances de Irene Dias Cavalcanti, beletrista nordestina cuja obra, polêmica, foi acolhida entre aplausos e apupos devido ao seu teor, detendo-nos especialmente nos livros *Eu, mulher, mulher* (1971) e *Lirerótica* (1974), a fim de destacar o pioneirismo da escritora ao tratar de temas (sexo, desejo, erotismo, liberdade feminina) vistos como tabus no cenário literário paraibano da década de 1970. Trata-se de uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e de objetivo exploratório fundamentada nas teorias e trabalhos acadêmicos publicados de investigadoras e investigadores basilares dos assuntos aqui tratados, senão vejamos: Perrot (2005), Xavier (2021) e Barbosa Filho (2003), dentre outras e outros. Conclui-se que, em um dossiê como o presente, que joga luz sobre beletristas nordestinas que o Cânone Literário Brasileiro e a historiografia literária brasileira ostracizaram, o nome de Irene Dias Cavalcanti, por sua importância e excelência, faz jus ao que trazemos aqui em forma de estudo de parte de sua imorredoura obra.

Palavras-chave: Mulher e Literatura; Literatura Paraibana; Irene Dias Cavalcanti.

Abstract: *In this article, we briefly analyze some poems and novels and comment on Irene Dias Cavalcanti's literary work, a Brazilian Northeastern female belletrist whose controversial writings were received amid applause and jeers due to their contents, focusing especially on the books *Eu, Mulher, Mulher* (1971) and *Lirerótica* (1974) in order to highlight the writer's pioneering spirit in dealing with themes (sex, desire, eroticism, female freedom) seen as taboos in the literary scene of the 1970s in Paraíba. This is basic research, with a qualitative approach and an exploratory objective based on the theories and academic papers published by female and male researchers who are fundamental to the subjects discussed here, such as: Perrot (2005), Xavier (2021) and Barbosa Filho (2003), among others. It is concluded that, in this dossier, which sheds light on Brazilian Northeastern female belletrists that the Brazilian Literary Canon and Brazilian literary historiography ostracized, Irene Dias Cavalcanti's name, due to its importance and excellence, deserves to be brought as a study of part of her immortal work.*

Keywords: *Women and Literature; Literature from Paraíba; Irene Dias Cavalcanti.*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e professor de Literatura na Universidade Estadual da Paraíba - campus VI. E-mail: marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br.

ⁱⁱ Graduanda em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e bolsista da iniciação científica com pesquisa sobre a poesia (PIBIC, cota 2022/2023) e prosa (PIBIC, cota 2023/2024) de Irene Dias Cavalcanti. E-mail: roberta.temoteo@aluno.uepb.edu.br.

ⁱⁱⁱ Graduanda em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e bolsista da iniciação científica com pesquisa sobre a prosa (PIBIC, cota 2023/2024) de Irene Dias Cavalcanti. E-mail: livia.farias@aluno.uepb.edu.br.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em séculos anteriores, em que o silêncio e a invisibilidade pairavam como densas camadas sobre a produção literária de autoria feminina, tendo em vista que escrever era tido como prerrogativa apenas masculina, o conhecimento sobre a produção literária feita por mulheres era, ainda, muito incipiente. Assim como em outras esferas sociais, a cena literária foi perpassada por interditos e coerções de toda ordem que visaram impedir a entrada das mulheres, como bem narrou Virginia Woolf em *Um teto todo seu* (2006). Essa obra ensaística é fruto das palestras proferidas por ela no ano de 1928, em duas faculdades inglesas voltadas para mulheres e que, partindo do tema “As mulheres e a ficção”, volta-se para pensar o lugar das mulheres como objeto de representação na ficção e também como sujeito na produção de textos literários, evidenciando o quanto esse terreno – o da autoria – foi uma conquista para as mulheres, tendo em vista todos os óbices impostos por uma sociedade patriarcal.

A política de ocultamento e de silenciamento da produção literária de mulheres pela hegemonia masculina nos cânones literários foi bastante proposital e veio à tona a partir das denúncias do movimento feminista em sua segunda onda, por volta da década de 1970. No campo dos Estudos Literários, os impactos das epistemologias feministas se fizeram notar a partir da introdução de novas ferramentas de leitura – como as categorias de gênero e interseccionalidade – e também da necessária e sempre urgente revisão dos cânones literários, mas também das práticas institucionais e editoriais de produção e circulação dos impressos (Golubov, 2017).

Atualmente, embora tenhamos conhecimento e acesso a um número significativo de obras produzidas por escritoras, o campo literário não se configura como menos excludente para elas, já que a circulação e a recepção de suas obras continuam, ainda, marcadas pela categoria de gênero, o que gera um tratamento diferenciado e desigual:

A inserção das mulheres no campo literário brasileiro [permanece] marcada por contínuas e difíceis negociações entre seus principais agentes, como as editoras, o sistema de ensino, os locais de venda de livros, a crítica literária, as instituições governamentais, os canais de venda, os meios de comunicação etc. (Leal, 2008, p. 6).

Ainda, há, pois, aquelas escritoras que, por inúmeras razões, se mantêm à margem do campo literário e suas obras são conhecidas apenas por um número diminuto de leitoras e leitores. Por isso, cabe à universidade pública brasileira, o zelo pela nossa memória cultural e, com isso, o fomento à leitura e à descoberta de nomes importantes de nossa literatura que,

muitas vezes, por fatores não necessariamente estéticos, tiveram ou permanecem no olvido público.

Em âmbito nacional, a produção literária brasileira de autoria feminina, em especial a de tempos pretéritos, é pouco conhecida – tanto que há a ideia de que as mulheres só passaram a escrever [literariamente] a partir do século XX. Esta falácia desconsidera toda a produção literária oitocentista de autoria feminina, da qual podemos citar nomes como: Júlia Lopes de Almeida, Carmem Dolores, Maria Benedita Câmara Bormann, Francisca Clotilde, Inês Sabino, Júlia da Costa, Maria Ribeiro e Josefina Álvares de Azevedo. Em âmbito local, em virtude especialmente dos problemas de circulação e formação de um público leitor, a produção de escritoras paraibanas é igualmente pouco conhecida, circunscrevendo-se a espaços de visibilidade muito restritos como as academias de Letras, clubes de leitura e universidades. Entretanto, mesmo nessas últimas, notamos pouco espaço para a pesquisa sobre a produção literária local.

De acordo com Silva (2019), em se tratando de Literatura Paraibana, ainda persiste um completo desconhecimento de autoras/es e obras, “[...] exceto o de alguns que conseguiram projeção nacional e que, todavia, são todos do sexo masculino, como se apenas homens produzissem literatura no referido estado”. Para explicar os motivos para o silêncio acerca da produção literária na Paraíba, o referido pesquisador recorre às seguintes palavras de Gilberto Mendonça Telles (2000, p. 10 *apud* Barbosa Filho, 2003, p. 41):

[...] A maioria dos críticos e dos historiadores de literatura não pesquisa, acha melhor repetir o repetido. É só comparar uma história literária com outra. As universidades, por sua vez, têm medo de trabalhar com o novo, e investem continuamente nos autores que estão na mídia. Dá uma tristeza saber que uma universidade, de que região for, não consegue ver o escritor da sua região, vendo apenas Guimarães Rosa, Clarice Lispector, quase sempre os escritores que foram estudados nas dissertações e teses que, diga-se de passagem, pouco trazem de novidade para a comunidade científica do país, a não ser os diplomas e promoções... pessoais.

O que o crítico acima advoga é chamar a Universidade, como centro de produção do conhecimento, à responsabilidade de ampliar seus interesses de pesquisa e campos de investigação, reconhecendo que a produção literária local é digna de ser objeto de estudo. Nesse sentido, é que vão as palavras do crítico paraibano Hildeberto Barbosa Filho, quando afirma:

[...] é chegada a hora da universidade paraibana, sobretudo através de seus cursos de Letras, atentar para o fato de que existe uma produção literária local, toda uma fortuna crítica mais ou menos disponível e um repertório elasticamente variado de assuntos, obras, autores, tendências, grupos, publicações e outras modalidades temáticas que poderão suprir muito bem o interesse científico e cognitivo de alunos, professores,

historiadores, críticos e estudiosos em geral. Tal atitude poderia germinar, portanto, em dissertações, teses, e obras a serem publicadas (Barbosa Filho, 2003, p. 41).

Atendendo a esse chamado é que temos, já há algum tempo, nos detido sobre a produção literária de autoria feminina na Paraíba e constatamos que existe um número expressivo de mulheres que conseguiram, muitas vezes por “de trás dos panos”, fazer da Literatura um exercício também feminino. Fossem professoras, poetisas e romancistas, fossem ativistas culturais e políticas, elas se valeram da escrita para atuar no espaço público, marcado por uma dissimetria que aloca homens e mulheres em lugares opostos, quando às mulheres era permitido circular para além do espaço privado do lar e, nesse caso, apenas se essa circulação estivesse ligada às suas funções mundanas e domésticas. Assim, na esteira de escritoras de outras regiões do nosso país, igualmente desconhecidas do grande público, as nossas escritoras paraibanas de tempos pretéritos nos legaram uma produção que firmou uma tradição que merece ser resgatada do olvido público (Cf. Silva, 2019) e ser (re)lida pelas leitoras e leitores do tempo presente.

Considerando o cenário que delineamos ao longo desta introdução, pretendemos comentar, neste artigo, a obra de Irene Dias Cavalcanti – poetisa e romancista potiguar, mas radicada paraibana –, detendo-nos especialmente nos seus livros de poesia *Eu mulher, mulher* (1971) e *Lirerótica* (1974), obras pioneiras no cenário literário paraibano no que diz respeito à luta feminina e feminista contra o conjunto de códigos morais e comportamentais que visam disciplinar as mulheres, tolhendo-lhes as possibilidades de ser e de existir a partir da domesticação de seus corpos, desejos, prazeres, pensamentos e modos de expressão.

1 MARCO TEÓRICO

1.1 A mulher, a poetisa e a romancista: transgressões de uma “louca lírica”

Nascida em 20 de maio de 1927 em São José de Mipibu, interior do Rio Grande do Norte, mas radicada na Paraíba, Irene Dias Cavalcanti é filha de Luiz Lucas Dias e de Francisca Bezerra Dias. Ele dedicou-se ao comércio de produtos diversos; ela era funcionária dos Correios e Telégrafos. O casal teve 16 filhos, dentre os quais, três faleceram cedo.

Durante a infância, por questões políticas, sua família precisou mudar-se para o interior paraibano. Inicialmente, fixou moradia em Campina Grande, onde a então Irene Bezerra Dias se casou com Lafayette Cavalcanti, funcionário público, com quem não teve filhos e que viria a falecer em decorrência de um câncer. Com a morte do marido, a escritora resolve mudar-se para João Pessoa, onde se forma em Direito e passa a exercer a função de assessora jurídica.

Na capital paraibana, ela encontra as condições para dar vazão ao seu desejo pela escrita, o qual, porém, mantinha até então em segredo, semelhantemente a tantas outras mulheres para as quais escrever foi uma prática exercida na clandestinidade em razão de ser tida como um ofício inapropriado para o sexo feminino:

Diante de um cenário marcado por uma miríade de adversidades, escrever revelou-se para as mulheres um grande conflito pessoal e social, uma vez que escrever era considerado algo que quebrava a concepção de feminilidade, de fragilidade própria do feminino. Escrever era, portanto, uma atividade que exigia atividade mental, conexões com o mundo da ação, aspectos estes que estavam distantes da concepção que se tinha acerca da condição feminina e dos atributos inerentes ao sexo frágil (Silva, 2010, p. 89).

Assim, vencido o receio de publicar, Irene Dias Cavalcanti passa a atuar como colaboradora de jornais como *O Norte* e *Correio da Paraíba*, em alguns dos quais publica seus versos que serão reunidos, em 1971, no volume intitulado de *Eu mulher, mulher* e que serão inseridos por Virgínius da Gama e Melo em uma tradição de mulheres que se voltaram para a lírica amorosa e deram forma a uma poesia flamante:

A poesia amorosa de Gilka Machado, o romance ‘Exaltação’, de Albertina Berta, mais tarde os apelos de Adalgisa Nery, a moderna ou contemporânea, a poesia duma série de poetisas jovens, fortemente impregnadas dessa lírica amorosa, parece tudo confluir para a poesia flamante, fremente, crepitante duma paraibana. Uma paraibana que se esconde em Irene ou Renie, mas pura e unicamente, veemente sem seu ímpeto ‘EU MULHER, MULHER ...’ e como tal ‘em ânsias de carinho’ [...] Eis o que se proclama com uma veemência impressionante, definitiva, essa jovem que se esconde da vida, mas que se lança, se publica, desmedida, na vivência poética (Melo, 1974, p. 8 *apud* Cavalcanti, 2013, p. 13).

Como consta no verbete que lhe é dedicado no *Dicionário Literário da Paraíba*, organizado por Idelette Muzart, “[seus] poemas [foram] recebidos com aplausos por Virgínius da Gama e Melo e Juarez da Gama Batista, seus amigos e prefaciadores de seus dois livros de poesia”, mas causaram alvoroço entre leitoras e leitores da época, pouco acostumadas/os “[...] ao erotismo na poesia, prática que, embora venha desde a antiguidade greco-latina, ainda sofre restrições significativas” (Santos, 1994, p. 97). Na lírica de Irene Dias Cavalcanti, nota-se uma dupla transgressão: a instauração de um discurso erótico e sua enunciação por uma voz no feminino. Como sintetiza Santos (1994, p. 97), na poesia da escritora paraibana, a representação do erotismo “[...] se faz em poemas de índole confessional, que brotam de um só fôlego, impregnados de um misticismo erótico” e que também revelam a consciência do eu lírico de que a solidão é o preço a ser pago pela ousadia de falar de mulher e desejo em um cenário repressor, razão por que, talvez, a poetisa se autointitule de uma “louca lírica”.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 Recepção crítica à poesia de Irene Dias Cavalcanti: doses de misoginia e silenciamento

Em 1974, dentro da mesma perspectiva temática e com um discurso ainda mais ousado, Irene Dias publica *Lirerótica*, que traz à luz a expressão do desejo de um eu lírico feminino que não sente receio de dizer que ama, que se consome em desejos. Nessa obra, aos temas do desejo e da solidão junta-se o da insatisfação erótica a partir de um discurso que, nas palavras de Virginius da Gama e Melo, prefaciador da obra, encontra-se despojado de pretextos (a flora, a paisagem, o caminho, a estrela, o mar, o luar) que poderiam inibir a vocação sensualista da poetisa. Por isso, nas palavras do crítico paraibano, a poesia de Irene é uma poesia da nudez porque seu eu lírico não se vergonha de mostrar-se como é, isto é, despida dos pudores moralista, porque “um ser de Deus”, razão por que a nudez não lhe é motivo de suplício, mas sim, exercício de elevação espiritual. Em síntese bastante percuciente, Virginius da Gama e Melo afirma que a poesia de Irene Dias

[...] cada vez se torna mais substantiva, concreta, efetiva, pois que de severa expressão poética – severa sem sobriedade, severa como força e rudeza de afirmação pessoal e de comunicação. Sem nenhuma perda de feminilidade, (nota-se que sua poesia é essencialmente feminina), mas de tão sofrida, de tão sentida, de tão veemente, de tão urgente e necessária, sua poesia tem acentos de verdade dos maiores momentos de tensão dramática no campo da confissão do ser humano, especialmente da mulher (Melo, 1974, p. 6).

Já para Juarez da Gama Batista, que também assina um pequeno prefácio na coletânea, não sabemos se como resposta às polêmicas do público à poesia de Irene Dias Cavalcanti, o erotismo é apenas um artifício porque, ainda que com “a graça de salmo” e “a força de canto de sereia”, os versos da poetisa são a expressão de um temperamento “[...] que na vida só enxerga, só pede, só busca os ritos e os ritmos da Arte” (Batista, 1974, p. 6).

Em pesquisa na Biblioteca Nacional Digital Brasil, hemeroteca digital pertencente à Fundação Biblioteca Nacional, encontramos jornais da década de 1970, nos quais são feitas menções a Irene Dias Cavalcanti e que atestam a recepção, em parte positiva, que seus dois livros de poemas tiveram na Paraíba e em Pernambuco, especialmente, mas também registram os ataques que a autora sofreu, sendo acusada de manchar a honra e ferir os bons costumes por escrever versos tidos como obscenos.

No *Diário de Pernambuco*, em 1972, por exemplo, encontramos a seção “A mulher em destaque”, que trazia notícias sobre a poetisa e, a respeito de *Eu mulher, mulher* (1971),

afirmava: “Porque sua poesia é toda ela um gemido de dor, um seio de ternura, um pedido de beijos e carinho ela não explica¹”. Os poemas da autora, imantados por erotismo, sensualidade e desejo de liberdade, foram bem aceitos, instauram um discurso transgressor quanto à liberdade das mulheres de serem, desejarem e existirem para além do que a cartilha da moral e dos bons costumes apregoava. Por isso, a notícia no *Diário de Pernambuco* encerrava afirmando que o prazer na poesia de Irene Dias Cavalcanti “[...] é um prato que não se come nem frio, nem quente; se come apimentado”.

Em certa ocasião, como narra uma das notícias que encontramos na consulta à hemeroteca digital, a poetisa chamou atenção de jornais e televisões da época por comparecer a um evento em Fortaleza “vestida de poesia”. Irene levava, em suas vestes, poemas da própria lavra, num gesto simbólico de que ela era a sua própria poesia, isto é, que uma não poderia ser desvencilhada da outra, já que poesia e poetisa estavam, intimamente, amalgamadas.

2.2 Analisando a ousadia e o erotismo de Irene Dias Cavalcante em alguns de seus poemas

A ousadia do discurso poético instaurado por Irene Dias Cavalcanti pode ser vista já no primeiro poema que abre o livro *Eu mulher, mulher* (1971):

Há um clamor
intenso,
um grito louco
dizendo cantos
sensuais eróticos...
na solidão de
um leito, existe
EU MULHER
em ânsias de
carinho...
há, um sussurro
atroz, um vendaval
em um corpo
que fala intensamente,
dizendo em lágrimas
quentes e sentidas,
que possui lábios,
seios e ovários
possui um útero
que pede sem
cessar, o hormônio,
alimento necessário...
há uma alma
que sente e sente

¹ Disponível em: https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_15&pagfis=29352. Acesso em: 12 set. 2023.

tanto, carência
imensa de afeto,
de ternura...

(Cavalcanti, 2013, p. 21).

Assim como os demais poemas de *Eu mulher, mulher* (1971), este primeiro não é nomeado, mas apenas enumerado, como se, em seu conjunto, todos os poemas compusessem um único poema ao longo do qual o eu lírico entoia um duplo lamento: o de desejar e o de sofrer com a solidão por atrever-se a desejar. Ante a ousadia de desejar e confessar esse desejo em poesia, a solidão emerge como o castigo para essa mulher que se atreveu a transgredir as estruturas hegemônicas de poder e com os códigos comportamentais e morais, falando de seus sonhos, desejos e vontades mais recônditos, quando o que se esperava era que guardasse dentro de si as palavras, enredando-se no silêncio, já que este, dentro de nossa sociedade patriarcal, deveria ser o comum para as mulheres (Perrot, 2005).

Essa necessidade imperiosa de trazer à tona o que está guardado dentro de si já está enunciada nos primeiros versos do poema: “Há um clamor/ intenso, / um grito louco/ dizendo cantos/ sensuais eróticos [...]”, nos quais o eu lírico confessa seu desejo de cantar, mas não é qualquer canto. Trata-se de “cantos sensuais eróticos”. Se, como diz certo adágio popular, a boca fala do que o peito está cheio, o coração do eu lírico do poema em questão transborda não apenas de desejo, mas, em especial, de vontade de fazer ouvir/ser lido esse desejo de uma mulher que se reconhece como mulher e, como tal, arde em “ânsias de carinho”.

Por isso, atendendo a um imperativo que é mais existencial (“Há um clamor/ intenso, / um grito louco”) do que biológico, apesar de o sujeito falar que possui “[...] um útero/ que pede sem/ cessar, o hormônio, /alimento necessário [...]”, há a necessidade de tornar dizível essa sensação que, do mais recôndito do eu lírico, emerge como “[...] um sussurro/ atroz, um vendaval” e se manifesta não como instinto ou tara sexual, como poderíamos pensar a partir da presença de vocábulos da Biologia (ovários, úteros, hormônios), mas sim, como “[...] carência/ imensa de afeto, / de ternura [...]” e, portanto, de amor.

Aqui, parece-nos que o discurso do eu lírico contrapõe-se à seguinte afirmação de Chauí (1984) acerca das razões pelas quais o amor emerge como tema bastante recorrente na lírica feminina: “O amor funciona como álibi para o desejo porque é a maneira da feminidade esconder que poderia ter um desejo autônomo – seu desejo é sempre desejo de uma pessoa determinada e por isso chama-se amor, isto é, relação com um outro” (Chauí, 1984, p. 180). Em outras palavras, o desejo feminino é tão castrado que, nas ocasiões em que a mulher deseje

falar, a enunciação desse desejo deve necessariamente estar atrelada à figura do Outro, que é, na maioria das vezes, o homem.

No caso do poema de Irene Dias, porém, quem lamenta e sofre não o faz apenas por amor ou saudades de outrem, mas sim, por sentir um desejo imperioso de ser simplesmente desejada, possuída. O que o eu lírico põe em cena é o estado de espírito de uma mulher que afirma que o desejo feminino prescinde da presença masculina, porque o desejo é uma força atávica que irrompe do seu mais íntimo, de modo que o masculino é apenas um dos possíveis alvos para os quais esse desejo pode ser canalizado – tanto que apenas indiretamente pode ser depreendido do texto em análise.

O lamento de Irene Dias é decorrente do fato de, por ela fazer do erótico o esteio de sua poesia, defrontar-se com a solidão como único destino possível para aquelas que transgridem as imposições do tecido social. Por isso, a satisfação do desejo constitui para a voz lírica de seus poemas sempre um devir – seja pela ausência do amante, seja por algum evento, como a distância ou um amor não-correspondido –, que interfere na vontade dos amantes, retarda ou interdita o encontro tão desejado. Daí o porquê de boa parte dos poemas seus se revestirem de um tom lamentoso que é decorrente não apenas de tristeza, mas também da solidão, moeda com que o eu lírico recebe o pagamento por ousar desejar e fantasiar momentos lúbricos de carícias, sempre adiadas, como podemos ler no poema a seguir:

Segura a
minha
mão, vamos
amar...
cobre o meu
corpo com
o teu corpo
amado...
dá-me
carícias,
beijos,
muitos
beijos,
abraça-me
desesperadamente...
segura a
minha
mão, dá-me
o oásis
na aridez
da vida
destruída...
segura
minha mão,
dá-me o que tens,
para que

eu morra
sentindo
que fui
“GENTE” ...

(Cavalcanti, 2013, p. 41).

No poema, podemos perceber um traço recorrente da poesia de Irene Dias Cavalcanti: o anseio pelo contato físico entre homem e mulher. Nesse caso, o próprio poema constitui-se como um pedido efervescente do eu lírico que, na solidão do seu leito, deseja o amado e, assim, fantasia o momento da sua chegada e a concretização do coito (“[...] cobre o meu/ corpo com/ o teu corpo/ amado...”). Visualiza-se, nos versos, que o eu lírico busca demonstrar ao amado seu estado de carência durante a ausência física dele, assim como a necessidade de ser amada e desejada como uma espécie de realização de suas fantasias erótico-amorosas (“[...] dá-me/ carícias, / beijos, / muitos/ beijos/ abraça-me/ desesperadamente...”). A desordem provocada pela lacuna do ser querido traz à tona o paradoxo entre vida e morte para o ser amante, que faz da carnalidade a última vontade de quem padece de desejo e faz do gozo uma necessidade imprescindível para dar sentido a sua existência. Como pontua Soares (1999), a relação entre vida/morte ocorre durante a afirmação do desejo:

[...] pela prática erótica conciliam-se o desejo e a afirmação individual, o amor pelo outro e o amor próprio, na intensificação da vida e no desejo inconsciente da morte, revelando-se a tensão Eros-Thánatos. Não é gratuitamente que os franceses chamam o orgasmo de *petite mort* e que se veja a paixão fortemente marcada pela morte, sendo com constância textualizada poeticamente como um impulso fatal (Soares, 1999, p. 26).

Além disso, o discurso instaurado pelo eu lírico vai de encontro aos códigos de conduta impostos ao feminino, de quem são exigidos recato e decoro, mas que no poema assume não só o controle da enunciação como também da própria cena erótica. Esta se desenha verso a verso e ao longo da qual o amado é posto a serviço da satisfação sexual feminina, como podemos depreender dos seguintes versos: “[...] segura a/ minha/ mão, dá-me/ o oásis/ na aridez/ da vida/ destruída...”. A voracidade com que o eu lírico anseia pelo corpo do amante é revelada nos versos finais, quando diz: “Segura/ minha mão, / dá-me o que tens, /para que/ eu morra/ sentindo/ que fui/ “GENTE”. O sentir-se gente, nesse caso, é a metáfora da plenitude advinda do gozo alcançado.

O eu lírico na lírica de Irene Dias Cavalcanti procura fugir aos disciplinamentos da sociedade em que vive, ainda que não saia imune às violências simbólicas do patriarcado, daí porque o desejo de viver plenamente a própria sexualidade esteja amalgamado a certa

consciência da repressão da qual decorrem a carência, a solidão, o tormento por ousar contrapor-se ao discurso de que “[...] não faz parte da delicadeza feminina falar de sexo, gozo e do seu próprio desejo” (Xavier, 2021, p. 62).

Apesar do caminho promissor no campo da lírica amorosa, como se pode depreender pela recepção aos seus poemas, sobretudo a partir dos prefácios escritos por Juarez da Gama Batista e Virginius da Gama e Melo, Irene Dias Cavalcanti migra da poesia para a prosa, deixando de lado, nas palavras de Sérgio de Castro Pinto (2009, s/p. [contracapa]), “[...] a postura quase sempre contemplativa da poesia lírica” e investindo “[...] maciçamente no enredo, na urdidura, na trama, enfim, nas peripécias que permeavam o antigo gênero épico, do qual o romance é o seu mais legítimo sucessor”.

2.3 Do texto em verso para o texto em prosa: migrações e metamorfoses necessárias

Acreditamos que essa “migração” pode ter sido decorrente do impacto que as críticas reacionárias por parte do público paraibano causaram na poetisa, já que, no perfil que traça dela a Professora Roselis Batista Ralle, a apresentada é descrita como “[...] mulher frágil, bastante nervosa, educada e discreta, [...], uma lady” (Ralle, 2013, p. 122). As críticas recebidas não fizeram, porém, Irene Dias Cavalcanti desistir do ofício de escritora. De sua faceta como romancista, foram publicados os seguintes títulos: *A menina do velho senhor* (1996), *O amor do reverendo* (2009), *O médico e a noviça* (2011) e *Palhaço azul* (2017).²

O seu primeiro romance, *A menina do velho senhor* (1996), narra a história de Íris, uma menina de traços delicados, estudiosa e sonhadora que vive com os pais (Pedro, dono de uma casa de ferragem; e Carminha, funcionária dos Correios) confortavelmente em Pousada, uma pequena cidade no interior paraibano, mas cuja vida será revirada quando comentários pejorativos acerca da sua honra são espalhados por Perpétua, uma mulher amarga, funcionária da funerária local. O pai de Íris morre e ela parte para a cidade de Montanha, onde Carminha se casa com o coronel Rafael, um homem muito rico e influente na cidade, mas pouco tempo depois do casamento, Carminha falece.

² Quando da redação do presente artigo, soubemos via vídeo no Youtube (Cf. https://www.youtube.com/watch?v=FP8L5y_Y7ss), que Irene Dias Cavalcanti havia lançado, em março de 2023, mais um livro, intitulado de *Intolerância*. Apesar dos esforços envidados para conseguir um exemplar da obra e poder resenhá-la neste texto, não logramos êxito, razão por que apenas a mencionamos aqui, uma vez que sequer sabemos a que gênero pertence essa mais recente publicação da autora.

Assediada pelo coronel, Íris acaba aceitando o pedido dele de casamento. O matrimônio se converterá para ela em uma prisão da qual se libertará com a morte dele, razão por que, mais uma vez, a protagonista se muda de cidade. Dessa vez, viúva, vai morar em João Pessoa, onde conquista a liberdade financeira e sexual e apaixona-se por Alexandre, por quem é abandonada, e, depois, por Ricardo, com quem vive momentos felizes de prazer, desejo e dor, mas por quem também é deixada. Íris termina mais uma vez recolhida em seu leito com a dor e a solidão, porém acreditando no amor e com o sonho de vivê-lo e gozar do prazer por ele ofertado.

Já no segundo romance, *O amor do reverendo* (2009), a narrativa se passa na cidade de João Pessoa e centra-se na história de amor proibido entre um jovem padre e uma adolescente. Abraão socorrera Maria Luiza quando a encontrou caída em frente à escola em que ela estudava. Desde então, a beleza da jovem de 14 anos chamou-lhe a atenção e ele passou a viver o dilema entre seguir a vida religiosa ou largá-la, deixando-se levar pelos desejos da carne. Contra o amor do jovem casal, vão se colocar o bispo Dom Eugênio, Sebastião e Leontina – esses últimos, pais de Maria Luiza. O primeiro encarna a repressão em nome da religião. Os outros dois são também paladinos da moral e dos bons costumes e responsáveis pela condenação social que se abaterá sobre o casal. Apesar das violências sofridas, Abraão e Maria Luiza mantêm-se firmes no propósito de viverem o amor que os arrebatou e os levou a ferir os códigos morais e comportamentais de uma cidade provinciana e repressora. Maria Luiza foge de casa para junto do seu amado. Impulsionado pelo anseio de amá-la sem segredos, Padre Abraão celebra o próprio casamento, deixando todos os presentes escandalizados não apenas pelo rompimento dos votos de celibato, mas, sobretudo, pelo sacrilégio de celebrar o próprio casamento, após o qual, ele parte com Maria Luzia para Roma.

O terceiro romance, *O médico e a noviça* (2011), tem como eixo narrativo a história do amor proibido entre Denise e Lucas. Ela, uma moça inteligente; olhos verdes, cabelos negros e corpo com belas curvas; é filha de Manoel Francisco e Severina, os quais, desafortunados de bens materiais, vivem na fazenda Aroeira a serviço do grande e temível coronel José Virgolino Sampaio. Lucas, um rapaz bonito e humilde, aluno do curso de medicina, é filho do coronel Sampaio. Na fazenda da Aroeira, o casal diverte-se sob a brisa do campo e vive um amor proibido. Lucas e Denise resolvem casar-se às escondidas, mas os capangas do coronel Sampaio invadem o local, põem fim à cerimônia, levam o noivo à força e, cumprindo as ordens que lhes foram dadas, destroem a casa da família de Denise e expulsam a ela e aos pais das terras do coronel. Lucas parte para viver em exílio no Rio Grande do Sul, onde cuida dos mais necessitados em um hospital. Em João Pessoa, Denise vive em um colégio de freiras, onde se

dedica a cuidar das crianças do primário. Após anos de separação, Lucas reencontra a amada. Eles se casam e proclamam o amor que os uniu mesmo nas adversidades.

Por fim, em sua última obra ficcional, *O palhaço azul* (2017), o enredo amoroso envolve a jovem Jeanine e o palhaço Virginius, que a protagonista conheceu ainda na infância, quando se mudara com a família para a cidade de Serra Grande. Com a morte dos pais e em razão das tentativas de assédio que sofre do coronel Silveira, o homem mais rico e arrogante da cidade de Serra Grande, além da distância e das dificuldades de comunicação entre eles, Jeanine e Virginius se separam e toda a narrativa vai centrar-se nas tentativas de reencontro dos amantes. A narrativa transcorre entre as cidades de Serra Grande, onde o amor entre o casal nasceu, mas foi interdito, e São Paulo, onde, depois de muito tempo distantes um do outro, ambos podem viver o amor que os uniu.

Irene Dias Cavalcanti pode ter sido amplamente conhecida como poetisa de dois livros apenas, mas prosseguiu no campo da Literatura como romancista, desafiando a hipocrisia e os códigos éticos e morais de uma sociedade machista, misógina e patriarcal, de modo que a sua prosa de ficção se nos afigura como desdobramento dos temas de sua própria poesia:

[...] Primeiro, podemos destacar que a autora atuou como uma voz difusora que denunciava a desigualdade social, pois chamava a atenção para a diferença existente na sociedade entre os indivíduos e para a urgência em sua modificação, ou melhor, defendia que a atitude da humanidade deveria estar conectada aos valores que tanto defendiam, apontava a hipocrisia existente na conduta do homem e da mulher ao julgar o próximo. Em segundo ponto, destacamos que a autora defende a liberdade sexual, principalmente a libertação feminina (Falcão, 2022, p. 44-45).

Na prosa semiautobiográfica de Irene Dias Cavalcanti, nota-se a ficcionalização de eventos biográficos que marcaram a vida da escritora e que servem como pano de fundo para expressar, assim como fizera em suas duas coletâneas de poemas, o desejo feminino por liberdade, inclusive a sexual, e denunciar as coerções de que são vítimas as mulheres, especialmente aquelas que se insurgem contra o que o patriarcado impõe como sendo o certo e aceitável.

No cenário literário paraibano, a produção de Irene Dias Cavalcanti chama-nos atenção não apenas por sua originalidade e coragem de abordar temáticas que eram consideradas impróprias para mulheres e denunciar as armadilhas do patriarcado, mas, em decorrência disso, pelo seu pioneirismo ao tratar de temas bastante delicados, como bem assinala a Professora Roselis Batista Ralle em artigo sobre a obra de Irene Dias Cavalcanti:

[Irene teve] a coragem de escrever como ninguém antes dela (sobretudo por ser mulher). [...]. Enfim, ninguém havia jamais escrito tanto “realismo biológico” – diríamos – sobretudo em versos, a propósito desse assunto tabu: o desejo feminino, e o direito ao desejo. É necessário acrescentar a tudo isso que é uma mulher nordestina que escreve; outras poetisas de erotismo são originárias de outros Estados menos rígidos e menos tradicionais que a Paraíba. Trata-se, pelo nosso ponto de vista, de um ensaio histórico e linguístico, desvendado pelo literário e pelo semantismo que daí resulta, isto é, a existência de uma sinonímia perfeita entre o amor e o sexo. A invisibilidade das sensações femininas contadas por uma mulher, desse mundo atrasado, e fortemente misógino, foi posta em dia. A fé, a religião, e sobretudo o catolicismo, não mudam nada, ao contrário, todos contribuem com argumentos significativos à autora. Assim, o Amor é igual ao Sexo, o Amor é igual a Deus, e Deus é igual ao Sexo. Para Irene Dias, católica e crente em Deus, a Divindade abençoa tanto o sexo como o amor. Ele quer que todos os seus filhos e todas as suas filhas tenham prazer, e a prova disso reside no fato de que deu esse desejo ao ser humano (Ralle, 2013, p. 122).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora pouco ouçamos falar em seu nome, Irene Dias Cavalcanti faz parte do “bloco” de mulheres que muito escreveram e através de sua escrita gritaram pela liberdade e pelo direito de gozar e, em virtude disso, foram perseguidas, silenciadas e impedidas de prosseguir. Ela, entretanto, resiliente, continua fazendo da Literatura um exercício de resistência e rebeldia contra uma sociedade que insiste em tolher as possibilidades de ser e de existir para o feminino, razão pela qual seu nome e sua obra podem despertar o interesse de leitoras e leitores do tempo presente.

Isso é especialmente verdadeiro porque ainda persiste a necessidade de estudos que, por um lado, possam, segundo Schneider (2000), reconstruir a história literária produzida por mulheres, pondo em evidência o percurso, as dificuldades, os temores, as estratégias para romper o confinamento em que viviam e, ao mesmo tempo, promover a revalorização dessa Literatura que no passado não recebeu a devida atenção. Por outro lado, há também a necessidade de estudos que, centrando-se em um *corpus* de textos produzidos por mulheres, analise tais obras, evidenciando as formas, os temas, as influências, os diálogos e as rupturas com a tradição literária de nosso país, assentada, sobretudo, na produção de autoria hegemonicamente masculina.

Acreditamos que a obra de Irene Dias Cavalcanti se presta a tais estudos, razão de a (re)visitamos neste artigo, e esperamos que mais investigadoras e investigadores possam tomá-la como objeto de leitura e de estudo crítico e, assim, contribuamos para dirimir o ostracismo que se abateu sobre o nome e a produção dessa escritora irrepetível. Fica, pois, o desafio na forma de convite a pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA FILHO, H. *Vocábulos e veredas: Tópicos de Literatura Paraibana*. João Pessoa: Manufatura, 2003.
- BATISTA, J. da G. Prefácio. In: CAVALCANTI, I. D. *Lirerótica*. João Pessoa: Iterplan, 1974, p. 6.
- CAVALCANTI, I. D. *O palhaço azul*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2017.
- CAVALCANTI, I. D. *Eu mulher, mulher – Lirerótica*. João Pessoa: UFPB, 2013.
- CAVALCANTI, I. D. *O médico e a noviça*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.
- CAVALCANTI, I. D. *O amor do reverendo*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.
- CAVALCANTI, I. D. *A menina do velho senhor*. João Pessoa: s.l., 1997.
- CHAUÍ, M. de S. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FALCÃO, J. K. de O. *A representação do feminino e do erotismo no romance A menina do velho senhor, de Irene Dias Cavalcanti*. 2022. 94f. *Dissertação* (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI). Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022.
- GOLUBOV, N. *La crítica literária feminista: una introducción práctica*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2017.
- IRENE POESIA. *Diário de Pernambuco*. Recife, 30 de junho de 1972. Você – Caderno Feminino, p. 2. Disponível em: https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_15&pagfis=29352. Acesso em: 12 set. 2023.
- LEAL, V. M. V. *As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: uma relação de gênero*. 2008. 243 f. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- MELO, V. da G. e. A poesia da nudez. In: CAVALCANTI, Irene Dias. *Lirerótica*. João Pessoa: Interplan, 1974.
- SANTOS, I. M. F. dos. *Dicionário Literário da Paraíba*. João Pessoa: A UNIÃO, 1994.
- RALLE, R. B. A poesia erótica de Irene Dias Cavalcanti. In: CAVALCANTI, I. D. *Eu mulher, mulher – Lirerótica*. João Pessoa: UFPB, 2013, pp. 120-137.

SCHNEIDER, L. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, M.; NEIS, I. A. *As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura*. Porto alegre: Editora Sagra Luzzato, 2000, pp. 119-139.

SILVA, M. M. da. *Júlia Lopes de Almeida e Carolina Nabuco: uma escrita bem-comportada?* 2010. 210 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SILVA, M. M. da. Letras e silêncios: a literatura de autoria feminina na Paraíba. In: *Muitas Vozes. [S. l.]*, vol. 7, n. 2, 2019, p. 355–374. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/12199>. Acesso em: 1 out. 2023.

SOARES, A. *A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 2005.

XAVIER, E. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.